

PEDRO NAVA E OS ANOS VINTE: OS LIMITES DA IDENTIDADE

Melânia Silva de Aguiar*

RESUMO

Este trabalho tem por fim a análise da escrita de *Beira-mar* de Pedro Nava, enquanto um meio, para o escritor, de reencontrar através da memória os contornos de sua identidade, particularmente nos anos vividos em sua cidade de eleição, Belo Horizonte.

Falar de Pedro Nava e os anos vinte é falar de sua escrita memorialística e de sua relação com a cidade de Belo Horizonte. Recuperar este tempo e este espaço é dialogar com o escritor e seu próprio diálogo, já que, como dizia Valéry, “o indivíduo é um diálogo”, cumprindo sempre, ao mesmo tempo, o duplo papel de emissor e destinatário de sua própria comunicação. No caso do discurso autobiográfico, além desta identidade entre um *eu* que fala e um *tu* que escuta (o escritor como o primeiro leitor de si mesmo), pode-se falar de uma terceira identidade: um *ele*, de que se fala, confundido, pelo menos na aparência, com o próprio emissor. Ora, a autobiografia e as memórias estão sujeitas a esta contradição: a objetividade, que julgamos derivar do discurso “sincero”, “verdadeiro”, do *eu* e sobre o *eu*, estará sempre comprometida por uma visão pouco ou nada distanciada deste *eu/outro*. Assim, ao memorialista, “cuja condição é ter um pé na história e outro na ficção”, como diria o próprio Nava, interessa eternizar fatos e gentes, inserindo-os no Tempo, segundo uma história (apenas) possível. (Nava, 1985, p. 406)

Ao falar, portanto, deste tema, estaremos na verdade falando, a nosso modo, de “um anatomista, um desenhista e um poeta, que se abrigam sob o nome de Pedro Nava”, como a ele se referiu Antônio Sérgio Bueno (1994, p. 3), e de sua interpretação de uma certa Belo Horizonte dos anos vinte, que não conhecemos (infelizmente!). Esta imagem de Belo Horizonte que o escritor nos passa, ou ainda, sua representação, está disseminada em praticamente todos os seus livros de memórias, mas

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

concentra-se muito especialmente em **Beira-mar** (1978), que focaliza justamente nestes anos vinte os sete anos em que o jovem Nava aqui viveu e frequentou a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

Uma passagem deste seu quarto livro, *Beira-mar*, emblematiza à perfeição a relação Nava/Belo Horizonte, a de antes (vivida) e a de agora (escrita). Nela, o escritor, num daqueles arroubos que frequentemente interrompem o fluxo objetivo do pensamento, desabafa:

Eu conheci esse pedaço do belo belo Belorizonte, nele padeci, esperei, amei, tive dores-de-corno augustas, discuti e neguei. Conhecia todo mundo. Cada pedra das calçadas, cada tijolo das sarjetas, seus bueiros, os postes, as árvores. Distinguia seus odores e suas cores de todas as horas. Seu sol, sua chuva, seus calores e seu frio. Ali vivi de meus dezesete aos meus vinte e quatro anos. Vinte anos nos anos Vinte. Sete anos que valeram pelos que tinha vivido antes e que viveria depois. Hoje, aqueles sete anos, eles só, existem na minha lembrança. Mas existem como sete ferretes e doendo sete vezes sete quarenta e nove vezes sete trezentos e quarenta e três ferros pungindo em brasa. (Nava, 1985, p. 12-13)

Por esta passagem pode-se ver bem a natureza ambígua da memória, que é ao mesmo tempo fonte de prazer e de sofrimento, lugar de lembranças felizes, mas também de evocações dolorosas e, no entanto, onde se volta sempre, como numa espécie de armazém bem sortido, onde se reabastecem as energias. Ao contrário (pelo menos sob certo aspecto) do famoso episódio da **Divina Comédia**, e daquele “Nenhuma dor maior que recordar-se do bem passado no presente infeliz”, pode-se dizer que em Nava, o sofrimento do passado de que fala só é sofrimento no passado; a ele, na rememoração, misturam-se boas doses de prazer, este, sim, o que efetivamente conta agora, as desventuras desaparecendo no meio de tanta vida.

O lugar especial que estes sete anos ocupam nas memórias do escritor – e o comprovam várias passagens de sua enorme produção memorialística (seis livros volumosos e um sétimo, inacabado) – tem claramente a ver com a fase também especial vivida na capital mineira pelo então estudante de Medicina, aberto a todas as descobertas e pleno de energia. Voltar aos anos vinte é, para Nava, na velhice, pegar uma carona nos sonhos do adolescente que, como a adolescente Belo Horizonte de então, está cheio de promessas, inundado de perspectivas. Assim, as esperas, as dores-de-corno, os amores frustrados, os padecimentos, olhados à distância e recuperados pelo filtro da memória, são lembranças bem-vindas na fase já sem promessas do presente.

Apesar de ocorrerem no trecho que se acabou de ver sinais que apontam claramente para um contexto religioso, a vida se apresentando como uma “via crucis”, lugar de sofrimento, onde cada um vai cumprindo sua sina, é, no entanto, a aventura do viver que move o autor e que domina a cena do livro, a vida sorvida em largos haustos, deliciosamente. Na referência a este “padeci, esperei, amei (...) discuti e neguei”, e ainda na lembrança dos sete anos, comparados a sete ferretes, doendo

em progressão geométrica segundo os anos de vida do autor, numa clara referência a Pedro, que negou o Mestre três vezes, e ainda aos padecimentos de Cristo, observe-se a reminiscência religiosa e a conformação a uma sociedade eminentemente católica, de rezas e procissões do Senhor morto, a que o menino, o adolescente ou o jovem Nava, também Pedro, vivenciou um sem número de vezes.

A cidade descrita por Nava, pequena, conservadora, preconceituosa e oligárquica tem, no entanto, esta vantagem: ela é “familiar” ao escritor. Conhecendo-lhe as pedras e os tijolos; seus bueiros, postes, árvores; seus odores, cores e calores, como rimadamente diz, conhece-lhe também os tabus, as restrições; move-se num terreno seguro, cheio de significados, sem sobressaltos.

Falando da cidade moderna, dos grandes centros urbanos, da “polis perversa” gerada pela modernidade, os teóricos da “cidade” associam-na à fragmentação e à perda da sociabilidade. Constantemente em mutação, a cidade moderna não pode mais fornecer ao seu habitante “a ilusão de uma totalidade sem fraturas”, na expressão de Renato Cordeiro Gomes.⁴ Nas ruas invadidas pela multidão, perde-se a identidade, fragmenta-se o *eu*, multiplicam-se os significados: a cidade se torna ilegível. É aí impossível integrar-se numa tradição cultural, conformadora de significados palmilhados e familiares. Na escrita da cidade, busca o escritor moderno, reencontrar o significado perdido, abrigar-se da fragmentação, juntar os elos partidos, reencontrar pela memória a cidade primeira, contornável, legível.

Na obra de Pedro Nava, esta nostalgia da cidade (seja Belo Horizonte, ou o Rio de Janeiro, cidades de destino do escritor) está sempre a apontar para uma reconstrução, pela escrita, da legibilidade da “polis”. Entre a Belo Horizonte de ontem e a de hoje, prefere a de ontem, cada mudança, cada demolição doendo-lhe na carne, como uma agressão física, pessoal. Em seu livro **Galo-das-trevas**, olhando o Rio de Janeiro de ultimamente, em suas caminhadas pelas ruas da Glória, Nava vai recompondo o Rio de ontem, superpondo à cidade visível a cidade mentada, a que lhe vem através da memória: ali morou Fulano de Tal, tal rua abrigava um edifício, demolido no ano tal etc. A esta superposição sobre a cidade concreta, visível, de imagens trazidas pela memória, Antônio Sérgio Bueno associou a noção de “pentimento”, termo da pintura, que indica como que o “arrependimento” do pintor que sobrepõe a traços ou imagens feitos na tela, de que ainda se pode ver a sombra, novos traços ou imagens. Assim, o que está por baixo e que mal se vê seria esta camada de antes perseguida pelo olhar atento, esquadrinhador, que a faz, desta forma, subir ao primeiro plano. A este respeito, afirma Antônio Sérgio:

O conceito de “pentimento”, aplicado ao texto de Nava, é mais eficaz que o de “palimpsesto” porque traz em si uma carga moral (arrependimento, sofrimento) que este não tem. O memorialista não aceita as mutações operadas pelo tempo e por baixo das

⁴ Diz Renato: *A cidade não é mais o espelho que poderia devolver a identidade de corpo inteiro. Nem o texto poderia ser o espelho que refletisse a ilusão de uma totalidade sem fraturas.* (Gomes, 1990, p. 444)

ruínas reconhece antigas paisagens. Nega a imagem do espelho, recordando as formas jovens do corpo. Recoloca em circulação, nas linhas do texto, os desaparecidos videntes da década de vinte na rua da Bahia em Belo Horizonte. (Bueno, 1994, p. 17)

Trabalho, pois, eminentemente subjetivo e solitário este, já que cada um verá aquilo e o quanto puder. Sempre em mutação, impossível fixar, a não ser pela escrita, pela arte e pela memória, os limites e a configuração da cidade. Desta forma, a Belo Horizonte dos anos vinte, impossível para os olhos de hoje, ressurgiu na escrita do memorialista/poeta, como esta “totalidade sem fraturas”, inteiramente doméstica e domesticada, espaço sagrado em que se movem figuras familiares, já não mais seres humanos, mas mitos; figuras excepcionalmente fantásticas a quem a imaginação do escritor dá dimensão de personagens de romance e que o ajudam a configurar a cidade.

Vivendo nesta Belo Horizonte dos anos vinte, Nava teve a oportunidade de conviver intimamente com figuras que o marcariam para sempre. Figuras da área médica, que afloram em sua narrativa como personagens excepcionais, de longos aventais brancos, em sua luta contra a doença e a morte; políticos de toda espécie, tão próximos, tão ao alcance da mão, nessa Belo Horizonte em que o Presidente do Estado vai com a família à sessão das oito no Cine Odeon, dividindo com os presentes as emoções da tela; estudantes, artistas e escritores que conversam em alegre boêmia nas ruas de cara nova em folha, sem a fuligem do tempo, ora nos bares mais centrais, ora “descendo” (como ele diz, dando a este verbo acepção toda especial) a rua da Bahia, para aventuras mais apimentadas. Esta sociabilidade e familiaridade ainda possíveis são resgatadas pelo escritor de forma demorada, prazerosa, como numa tentativa de parar o tempo e trazê-lo de volta. Às figuras valorizadas dos mestres da Escola de Medicina (Hugo Werneck, Aurélio Pires), vêm somar-se as de políticos (Antônio Carlos, Raul Soares) e as dos colegas de Faculdade e amigos de outras rodas. Dentre estes, têm lugar especial os da roda literária, os primeiros e jovens modernistas belo-orientinos, a quem o escritor consagra páginas de admiração e saudade. Dentre eles, Martins de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Gregório Canedo, Abgar Renault, João Alphonsus, os jovens do “Café Estrela” e fundadores de **A Revista**, de 1925, manifestação do modernismo em Minas Gerais. Sobre o grupo, em depoimento recente, Nava diria que, apesar de uma posição esteticamente avançada, o que combatiam eram *as tradições tumultuares, os espantalhos acadêmicos, o passado que nem apenas um museu.*

Este grupo de frequentadores do Café Estrela, cheio de idéias revolucionárias e de conservadorismos indescartáveis, era liderado pela figura emblemática de Carlos Drummond de Andrade. Nava, a ele apresentado por Paulo Machado, irmão de Aníbal Machado, descreve sua primeira aproximação do poeta:

Ainda no meio da turma, um moço, muito calado, óculos redondos, aros de tartaruga, olhos muito claros, pele muito branca. Parecia fraco, pela magreza, mas atentando-se

bem sentia-se a forte ossatura e os músculos ágeis, finos e rijos como tiras de couro. O Paulo baixou a voz para dizer quem era. Drummond – Carlos Drummond, o amigo do Aníbal e que este me recomendara conhecer. (Nava, 1985, p. 62)

Falando de um conto de Drummond desta época (1921), publicado na revista do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, ao lado de sonetos bem comportados, e ensaios científicos e eruditos, Nava comenta, irônico, a produção desta revista:

Ora, dentro deste ramilhete de rosas, cravos, lírios, agapantos e louros do cientificismo, do conservadorismo literário, do academicismo mais compassado, da imanência do respeito à Tradicional Família Mineira – o conto de Carlos Drummond surgia como um apanhado de folhas de urtiga. Queimando e dando coceiras (...). (Nava, 1985, p. 63)

E conclui:

Mas a importância histórica do trabalho de Drummond está na sua audácia, no seu desrespeito ao consentido, ao consagrado em Belo Horizonte e em Minas – quando aparece com uma produção inchada de paradoxos, onde se consome champanha, absinto e cocaína (...). Em suma – provocação, desafio à delicadeza da cidade – provocação-desafio que podemos pôr como marco inicial do Movimento Modernista em Minas. Era junho de 1921. (Nava, 1985, p. 63)

Se a admiração por Drummond está patente nesta passagem de **Beira-mar**, num dos textos anexos ao livro, o Anexo III, reprodução de um artigo de João Cotó (Eduardo Frieiro), fica clara a posição de desconfiança de outros segmentos, quando não de deboche, em relação ao movimento dos jovens modernistas paulistas e mineiros:

Há nesta cidade quatro ou cinco jovens estudantes que cultivam certo produto sub-literário, a que o sr. Mário de Andrade (sic) deu o nome de “literatura pau-brasil” para despistar os incautos, mas que todos sabemos ser o longínquo, retardado eco, nestas plagas botocudas, da última “fumisterie” literária de Paris, chegada pelo “dernier bateau”. No fundo ingenuidade de caboclos bovaryzados que tomam a sério as mais des-cabeladas “boutades” parisienses. (Nava, 1985, p. 407)

E o juízo emitido em seguida sobre a recém-criada **A Revista**, sempre irônico, não é dos mais complacentes:

*Pois bem; como era natural os ditos rapazolas formaram aqui uma pequena tertúlia de iniciados no objetivismo dinâmico do espírito moderno. Precisava de um órgão. Vem o órgão, isto é, **A Revista**. A dizer a verdade, a insignificância do órgão não correspondeu à largueza da tarefa. Perrengue de físico e de miolo. Feitura gráfica roceira; em Grão Mogol não se faz nada melhor. Texto humorístico. Completamente.* (Nava, 1985, p. 407)

Os três números de **A Revista** saíram de 1925 a 1926, revelando tendências e linguagens contraditórias, que oscilam entre o convencional e o espírito de inovação. Nava, nestes anos vinte, freqüentando ou convivendo com Aníbal Machado, Drummond, Martins de Almeida, Afonso Arinos de Melo Franco, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, vai-se recolher gradativamente às suas funções de médico, cuja seriedade ele julga não casar-se com a atividade literária. Sua curta produção à época, suas ‘brotejas literárias’ ou ‘acnes juvenilia’, como diz, tendência da juventude que ele critica no Anexo acima citado, fica reclusa e limitada a um pequeno círculo. Só em 1972, aos 69 anos, já se afastando de sua atividade médica, terá ânimo para iniciar a publicação de sua obra, oferecendo em apenas onze anos sua notável produção memorialística, vazada nos seis livros publicados e no inédito e inacabado **Cera das almas**. Se a ironia e a revolta contra as injustiças sofridas desde a infância são uma constante em sua obra, isto vai-se acentuar em **Galo-das-trevas** (1981), passando-se a **O círio perfeito** (1983) e, visivelmente, às páginas iniciais, e únicas, de **Cera das almas**. De qualquer modo, recolher pela memória na escritura os anos vividos, falar dos fatos e das figuras que o marcaram é falar de si mesmo, é reencontrar-se de alguma forma.

A longa constituição do sujeito na escritura passa pela escrita de si para o outro e de si para si próprio e, ainda, sobre si próprio. Em outras palavras, na história da produção escrita, o sujeito que escreve escreve para um outro, destinatário de sua mensagem, que poderá ser ele próprio; e escreve sobre algo que poderá ser ele próprio, identificado ao objeto sobre o qual escreve: escrita de si, para si, sobre si. Neste caso, pode-se pensar numa fusão do *eu* que escreve, com o *eu* que lê e com *aquilo* sobre o que lê, formando-se através da escrita os contornos da identidade.

A propósito desta identidade, são sugestivas as palavras de Nava, referindo-se a suas memórias: *Foram produzidas porque eu queria ter – roubando aqui o pensamento de Proust – esse encontro urgente, capital, inadiável comigo mesmo* (Nava, 1985, p. 284). É também sugestivo, e mesmo sintomático, que em Nava, o desmantelamento das cidades do presente, acompanhando a decrepitude do próprio corpo, que ele descreve com minúcia, pareça crescer em sua narrativa mais recente, enquanto os olhos cansados tentam encontrar, nos meandros da memória, os vestígios das ruas do passado, de seus habitantes e os seus próprios. Por deter-se nos “vinte anos nos anos vinte” do escritor, **Beira-mar** ficará registrado no conjunto de sua obra como aquele livro em que o memorialista reencontrou com mais nitidez os contornos de sua cidade de eleição e os de sua identidade; aquela que o faz deter-se minuciosamente na descrição da rua da Bahia e arredores; que o faz dizer “apesar de juiz-de-forano, me julgo um sujeito do Bar do Ponto”; em que viveu dos dezessete aos vinte e quatro anos e à qual iria referir-se em **Balão cativo**, dominado pela poesia:

(...) porque a cidade sem limites continuará (...) mas jamais ah! jamais sacudirá o jugo do velho crepúsculo, daquela tristeza da tarde morrendo varrida de ventos, da lembrança submarina dos ficus e dos moços que subiam e desciam a rua da Bahia. Não a

Rua da Bahia de hoje. A de ontem. A dos "anos vinte". A de todos os tempos, a sem fim no espaço, a inconclusa nos amanhã. Nela andarão sempre as sombras de Carlos Drummond de Andrade, de seus sequazes, cúmplices, amigos, acólitos, satélites... (Nava, 1986, p. 145)

E ainda em **Balão cativo**:

Era bom de repetir – Belorizonte, Belorizonte, Belorizonte – e ir despojando aos poucos a palavra das arestas de suas consoantes e ir deixando apenas suas vogais ondular em molemente. Belo Horizonte. Belorizonte. Beorizonte. Beoizonte. Beoionte. (Nava, 1986, p. 107-108)

RÉSUMÉ

Ce travail a pour but d'analyser l'écriture de **Beira-mar**, de Pedro Nava, en tant qu'un moyen, pour l'écrivain, de rencontrer à travers la mémoire les contours de son identité, particulièrement pendant les années vécues dans sa ville d'élection, Belo Horizonte.

Referências bibliográficas

- BUENO, Antônio Sérgio. **Visceras da memória**; uma leitura da obra de Pedro nava. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1994. (Tese, Doutorado)
- GOMES, Renato Cordeiro. Escrever a cidade; o labirinto de ecos. In: CONGRESSO ABRALIC, LITERATURA E MEMÓRIA CULTURAL, 2, 1990. **Anais...** Belo Horizonte: ABRALIC, 1990. v. 1.
- NAVA, Pedro. **Balão cativo**; memórias 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- NAVA, Pedro. **Beira-mar**; memórias 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.